

# Estudos sobre Mulher e Gênero na Ciência da Informação: análise na Base de Dados BRAPCI

*Studies on Women and Gender in Information Science:  
analysis in the BRAPCI Database*

Caroline da Silva Marinho  

Geisa Fabiane Ferreira Cavalcante   

Anna Raquel de Lemos Viana  

Izabel França de Lima   

## Resumo

A presente pesquisa busca mapear os estudos sobre mulher e gênero em Ciência da Informação (CI), vinculados à Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), no período entre 2017 e 2021. Ela consiste numa pesquisa descritiva quanto aos fins e bibliográfica quanto aos meios. Para a coleta de dados, foram utilizados os termos mulher e gênero na identificação dos títulos, subtítulos, palavras-chave, resumo ou texto completo da produção científica. Foram identificados 33 artigos, numa média aproximada de 07 artigos/ano, sendo o ano de 2020 o de maior número de publicações e o de 2018 o de menor número. Os periódicos com maior número de publicações foram: a Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde (04 artigos) e a Folha de Rosto (03 artigos). As palavras-chave com maior número de repetições foram: Gênero (12 repetições), Mulher(es) (05 repetições), Ciência da Informação (05 repetições), Violência contra mulher(es) (04 repetições), Estudo de Gênero (03 repetições) e Biblioteconomia (03 repetições). Foi possível observar que, apesar da predominância da autoria feminina, os resultados aqui encontrados diferem dos resultados encontrados por Nascimento e Oliveira (2019) em sua pesquisa, uma vez que já é possível notar, em artigos, presença de homens pesquisando sobre os temas de gênero e mulheres em Ciência da Informação.

**Palavras-chave:** ciência da Informação; estudos de gênero; estudos sobre mulheres.

## Abstract

The present research seeks to map the studies on women and gender in Information Science (CI), from the Information Science Database (BRAPCI) in the period between 2017 and 2021. It consists of a descriptive research regarding the purposes and bibliographic research regarding the means. For data collection, the terms woman and gender were used to identify titles, subtitles, keywords, abstract or full text of the scientific production. A total of 33 articles were identified, an approximate average of 07 articles/year, with 2020 being the year with the highest



# folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Juazeiro do Norte, v. 9, n. 2, p. 89-111, maio/ago. 2023. ISSN 2447-0120. DOI 10.46902/fr.2023.v9.n2.975.

number of publications and 2018 the lowest number. The journals with the highest number of publications were the Electronic Journal of Communication, Information and Innovation in Health (04 articles) and the Folha de Rosto (03 articles). The keywords with the highest number of repetitions were: Gender (12 repetitions), Woman(s) (05 repetitions), Information Science (05 repetitions), Violence against women (04 repetitions), Gender Study (03 repetitions) repetitions), Librarianship (03 repetitions). It was possible to observe that, despite the predominance of female authorship, the results found here differ from the results found by Nascimento and Oliveira (2019) in their research, since it is already possible to notice, in articles, the presence of men researching the themes of gender and women in Information Science.

**Keywords:** information Science; gender studie; studies on women.

## 1 Introdução

Consideradas locais de (re)produções do saber, as instituições de ensino superior, principalmente as públicas, atuam diretamente como agentes transformadores da sociedade enquanto fontes produtoras e divulgadoras de conhecimento, abordando questões de interesse social a fim de produzir um conhecimento teórico capaz de aprofundar sobre temáticas sociais, tendo assim suas produções compartilhadas (Nogueira, 2005).

Conforme Diniz e Foltran (2004), os estudos sobre mulher e gênero no Brasil estão historicamente presentes nas universidades por meio dos grupos de pesquisas, pelas produções científicas e na presença nos movimentos sociais. Utilizando um resgate histórico, é possível saber que muitos avanços foram conquistados com o advento das lutas das mulheres no Brasil. Em meados dos anos 80, surgiu o uso do conceito “relações de gênero” por meio de diálogo entre academia e movimentos sociais (Scavone, 1996). Nesse mesmo período, houve um crescimento significativo de professoras feministas no mundo acadêmico e muitos grupos de pesquisadoras foram criados em várias áreas do conhecimento dedicadas à organização e à elaboração das teorias e práticas feministas com enfoque nos direitos das mulheres (Zirbel, 2007). Isso quer dizer que as universidades possuem um papel fundamental e até mesmo crucial para o desenvolvimento e visibilidade desses estudos.

Os estudos sobre mulher e gênero têm chamado bastante atenção dos(as) pesquisadores(as) de diferentes áreas. É possível notar que a temática tem ganhado espaço nas discussões acadêmicas, sendo mais tímida nas ciências exatas (Rosa, 2018). Conforme Conceição e Teixeira (2020), que analisaram a produção científica sobre as mulheres na Ciência Brasileira, houve um aumento no número de publicações e consolidação sobre essa temática no período de 2007 a 2017, as quais foram estimuladas pelo empenho das teóricas

pesquisadoras feministas e pelo avanço das pesquisas de Pós-Graduação nas áreas de Sociologia, Educação, História e Antropologia.

Segundo Santos, Targino e Freire (2017), por desenvolver estudos sobre as propriedades da informação, a Ciência da Informação (CI) assume um importante papel. Por isso, deve-se oferecer espaços para o desenvolvimento de pesquisas com caráter social, para que pesquisadores(as) discutam sobre as relações da informação que permeiam as desigualdades de gênero, assumindo assim sua responsabilidade social. Siciliano *et al.* (2017), na pesquisa intitulada “Sobre o que falamos quando falamos em gênero na Ciência da Informação?”, mostraram um avanço no número de documentos desde os anos 1980. O estudo mostra que, de 1980 até 2016, o interesse sobre os estudos de gênero na CI cresceu de maneira constante, ganhando espaço na área.

As questões de gênero são um dos assuntos delineados nas pesquisas no período de 1994 a 2016 nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). Entre as perspectivas analisadas, estão: a produção científica entre homens e mulheres; a desigualdade de gêneros em artigos publicados em periódicos científicos; a disparidade de gênero e raça/etnia na produção científica; entre outros. Porém, vale ressaltar que, embora os estudos sobre gênero estejam em ascensão, ainda não passam pela CI de maneira central (Hayashi *et al.*, 2018). Os resultados da pesquisa de Siciliano, Souza e Meth (2017) mostram que o estudo de gênero ainda se encontra dentro dos tópicos tradicionais da área, como Recuperação da Informação e Comunicação Científica, não sendo uma das temáticas principais.

Conforme Vasconcelos e Farias (2020), os estudos sobre gênero feminino ainda não são suficientes, pois a temática ainda é pouco explorada na CI. Mesmo existindo avanços com relação ao tema, é visível a pouca representatividade nas produções comparado às outras áreas. Segundo os dados coletados na pesquisa intitulada “Autoria feminina em Ciência e Tecnologia: cenário sobre a produção científica na Ciência da Informação”, a preocupação em estudar gênero são de mulheres, pois são a maioria na autoria dos artigos.

Nos últimos anos, a temática relacionada à identidade de gênero e defesa dos grupos oprimidos vem ganhando destaque na sociedade, incluindo o movimento feminista, negro e LGBTQIAP+. Tal fenômeno se dá pela busca por maior igualdade, já que são historicamente subalternizados, ocupam menos espaços do poder público e econômico, tendo menos possibilidades de fortalecimento de soluções que os beneficie (Melo, 2003).

Na academia, a situação não difere, apesar de que os estudos sobre esses temas estarem ganhando espaço, ainda são muito escassos. Mesmo a Ciência da Informação tendo mais de cinquenta anos de existência, as produções científicas relacionadas com os estudos de mulher e gênero ainda são recentes nesse campo (Nascimento; Oliveira, 2019). Atendendo a essa demanda, em 2022, foi criado o Grupo de Trabalho-12 (GT12) – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades. Ele visa discutir e refletir a produção do conhecimento na área de estudos teóricos e aplicados em informação sobre:

Estudos teóricos e aplicados em informação sobre Raça, Classe, Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades. Teorias Críticas, Culturais, Racial, Feministas e Queer. Correntes teóricas, escolas de pensamento, bases metodológicas-conceituais e aplicações técnico-científicas dos estudos étnico-raciais, de gênero e de diversidade. Teorias, discursos, saberes, atividades científicas e profissionais em ambientes informacionais comunitários, populares e organizacionais. Relações sociais, de poder e resistências. Epistemicídio, violências e insurgências. Estudos Pós-Coloniais, Decoloniais e Anticoloniais. Estudos Críticos da Branquitude. Justiça Social, Informacional, Racial e de Gênero (ENANCIB, 2022).

Por essa razão, notou-se a relevância de estudar a temática na área, pois a contribuição dos estudos sobre mulher e gênero influencia diretamente no desenvolvimento e visibilidade do tema na sociedade. Isso se dá sobretudo no contexto científico, característico das instituições de ensino, responsáveis pelas manifestações concretas de conhecimento produzido, sendo, portanto, importante construir campos científicos com novas perspectivas e espaços para reflexões sobre desigualdades e possibilidades de enfrentamento a tal condição, com discursos que envolvam interesses sociais, políticos e econômicos.

No âmbito da Ciência da Informação, os estudos de gênero possibilitam revelar as relações de poder pelos quais a informação perpassa, fator para diminuição das desigualdades e ampliação da visibilidade das mulheres nas esferas da ciência, política, das instituições e das organizações (Côrtes; Alves; Silva, 2015).

Com base no princípio da importância dos estudos de mulher e gênero, questiona-se: qual é o panorama dos estudos sobre a mulher nos estudos de gênero desenvolvidos na área de Ciência da Informação no Brasil? Este artigo tem o objetivo de mapear a produção científica sobre mulher e gênero em Ciência da Informação (CI), presentes na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) no período entre 2017 e 2021.

## 2 Referencial teórico

Nessas seções, serão apresentadas algumas considerações sobre gênero, uma breve contextualização histórica sobre os estudos de mulher e gênero ao longo do tempo e serão introduzidas as relações de gênero e mulher com a Ciência da Informação, a fim de validar a interdisciplinaridade entre as duas áreas.

### 2.1 A Questão de Gênero: Algumas Considerações

Pesquisar a questão de gênero requer uma definição prévia sobre o conceito. Contudo, definir um termo é uma tarefa inglória. Segundo Siciliano, Souza e Meth (2017), as palavras carregam conceitos e esses conceitos estão em constante construção. Embora para muitas pessoas o significado de “gênero” pareça bem claro e conhecido, para outros, gênero é sinônimo de sexo ou utilizado como sinônimo de mulher.

De acordo com Teles e Melo (2002), o gênero trata sobre as diferenças socioculturais existentes entre os sexos masculino e feminino, que se traduzem em desigualdades econômicas e políticas, colocando as mulheres em posição inferior à dos homens em diferentes áreas da vida humana. As questões de gênero passam por variados âmbitos da sociedade e abrangem outros conceitos e questões, como identidade sexual, feminismo e machismo, igualdade de gênero, orientação sexual, etnia racial (Siciliano; Souza; Meth, 2017).

O conceito de gênero deve ser compreendido pelas relações sociais baseadas em diferenças percebidas entre os sexos e como um modo básico de significar relações de poder; o termo gênero expressa, pois, as diferenças construídas socialmente, independentemente de qualquer base biológica (Scott, 1995). Sendo assim, não é sinônimo do termo sexo, e não diz respeito às diferenças biológicas dos indivíduos. A maneira do ser homem e do ser mulher é realizada pela cultura. Homens e mulheres são produtos da realidade social e não resultado da anatomia de seus corpos (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transexuais, 2010; Scott, 1995).

Vale ressaltar que, embora o conceito de gênero tenha adquirido força e visibilidade enquanto instrumento de análise das condições das mulheres, não deve ser utilizado como sinônimo de “mulher”, pois o conceito não substitui a categoria social “mulher”. Dessa forma, gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social, ou seja, representa um indivíduo por meio de uma classe (Lauretis, 1994; Sanderbeg; Macedo, 2011).



É importante destacar que o conceito e a utilização do termo gênero estão ligados a uma extensão política, tanto com relação a suas origens como quanto aos seus propósitos. Os estudos sobre mulheres, como eram dominados os estudos de gênero anteriormente, ganharam força no nascimento da fase contemporânea do movimento feminista, com a forte relação com o movimento social. Suas principais propostas estão voltadas às mudanças nas relações de poder (na esfera pública e privada) com intuito de abolir qualquer forma de exploração e dominação no conjunto das relações sociais (Scavone, 2008; Lauretis, 1994).

## 2.2 Estudos sobre Mulher e Gênero

Historicamente, a ciência sempre foi vista como uma atividade realizada por homens. É possível afirmar que pesquisas sobre as mulheres na sociedade, como ser ativo, são bem recentes (Leta, 2003). No Brasil, os estudos que abordam as relações de gênero acompanham os diferentes momentos dos movimentos sociais feministas. Antes de 1970, as pesquisas sobre as mulheres eram extremamente raras, mas as décadas de 1970 e 1980 foram marcadas por um acelerado processo de mudanças sociais (Silva, 2000) que permitiram a emergência dos movimentos sociais e dos movimentos feministas, consolidando-se novas forças políticas, abrindo caminhos para a desconstrução e desnaturalização do masculino e do feminino. Tanto o movimento quanto os estudos feministas e de gênero se intensificaram nessas décadas (Matos; Oliveira, 2017).

As mulheres e o trabalho nas áreas urbanas e rurais são o ponto de partida para a pesquisa acadêmica, com destaque para os trabalhos das sociólogas Heleit Saffioti (1978/1979/1981). Nesse período, algumas mulheres batalharam clandestinamente contra a ditadura em grupos de esquerda, o que, segundo Soares (1994), levou ao surgimento do feminismo nos partidos de esquerda.

Em 1975, as Nações Unidas anunciam o início da Década da Mulher, tendo início, no Brasil, os primeiros grupos feministas dedicados à igualdade das mulheres lutando pela anistia e pela abertura democrática. Há, também, o crescimento expressivo da participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro desde os anos 70; Bruschini (1994, p. 179) afirma ter sido esta “uma das mais marcantes transformações sociais ocorridas no país”. Nesse contexto, a militância feminista chega aos sindicatos. Entretanto, para garantir a construção

de espaços, ela chega sob forma de setor feminino e não como feministas, conforme Pinto (1992).

A luta feminista colaborou bastante para a inclusão das mulheres em espaços que antes lhes foram negados, como a política, a academia, as forças armadas e a tecnologia. Foi com base nos estudos feministas que surgiram os estudos de gênero, tendo influência de pesquisadores(as), como Judith Butler (1998) e Joan Scott (1995), que desenvolveram um conjunto de conceitos relativos aos estudos feministas e de gênero.

O uso do conceito surgiu no Brasil em meados dos anos 1980, por meio da academia e dos movimentos sociais, tendo sido incorporado nas Ciências Sociais pelo movimento feminista (Scavone, 1996).

O movimento feminista negro contribui com o debate ao inserir aspectos de interseccionalidade que abrangem diferentes formas de opressão. O uso do termo designa a interdependência de poder de raça, sexo e classe, apontado pela primeira vez no texto da feminista afrodescendente Kimberlé Crenshaw (1989), denunciando a insuficiência das análises nos Estados Unidos por não abordar as múltiplas formas de opressão que incidem sobre as mulheres, apontando o entrecruzamento do racismo com o gênero. A interseccionalidade é uma proposta para “levar em conta as múltiplas fontes da identidade”, embora não tenha a pretensão de “propor uma nova teoria globalizante da identidade” (Crenshaw, 1989 p. 54)

No Brasil, Ribeiro (2019) argumenta que as referências podem se entrecruzar e amplificar visões de mundo. Indicadores como gênero, raça, classe, região, religião e orientação sexual têm sua importância ao longo da vida dos sujeitos e dos grupos. Esses indicadores também representam situações de opressão. Isso significa que os sujeitos pertencem, simultaneamente, a múltiplos domínios e estruturas sociais. Quando os indicadores se interseccionam, é produzida uma multiplicação de vantagens ou desvantagens. Por exemplo, uma mulher pobre e preta é submetida a três tipos de opressão: a opressão por ser mulher, a opressão por ser pobre e a opressão por ser preta.

Assim, desde a década de 1980, reafirma-se a necessidade de olhar para as interseccionalidades nas questões de gênero. E as pesquisas passam a apontar também o caráter relacional entre os sexos, construído socialmente pelas relações de poder, e, conseqüentemente, apresentam hierarquias que conduzem à desigualdade social.

Os primeiros estudos acadêmicos sobre o tema se concentravam em mulheres trabalhadoras no espaço urbano e rural; nas décadas de 1980 e 1990, novas produções acadêmicas e núcleos de estudos sobre as mulheres surgiram dando espaço para novas linhas de estudo sobre o tema. Surgiram pesquisas voltadas para a atuação das mulheres na vida social e nas formas de resistência à dominação masculina e de classe (Rago, 1995; Nascimento; Oliveira, 2019).

O núcleo pioneiro criado no Brasil relacionado à temática foi o Núcleo de Estudos sobre a Mulher, fundado no fim dos anos de 1980, no Rio de Janeiro. Em consequência, outros núcleos foram criados e viabilizaram a realização de diversas pesquisas e estudos sobre ciência, gênero e mulher. Muitos desses estudos estão no livro “O laboratório de Pandora”, escrito por Fanny Tabak, fundadora do núcleo pioneiro (Vasconcellos; Lima, 2016).

É importante mencionar o papel de fundações e órgãos (inter)nacionais que realizaram estudos para discutir e dar espaços às mulheres, tal como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que, desde a década de 1990, realiza pesquisas e atividades para uma maior inclusão das mulheres nas atividades de ciência e tecnologia.

No Brasil, a Fundação Carlos Chagas, em parceria com a Fundação Ford, criou uma série de concursos de verbas para estudos sobre mulher e gênero entre os anos de 1978 e 1998. O periódico “Cadernos de Pesquisa”, criado em 1971, editado pela Fundação Carlos Chagas, é considerado um dos primeiros a publicar estudos sobre gênero no país. Até os dias atuais, a fundação é a principal iniciativa de incentivo à produção acadêmica na área no país e é referência tanto nacional quanto internacional de estudos sobre mulheres (Leta, 2003; Rosa, 2018).

Rosa (2018) destaca outros espaços nacionais importantes de produções e pesquisas sobre mulher e gênero que tiveram papel fundamental na época como: Associação Nacional de Pesquisa em Letras (Anpol), Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs) – que colaboraram para criação de duas grandes revistas sobre gênero no Brasil: Estudos Feministas e Cadernos Pagu – e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação.

Nessas últimas duas décadas, é perceptível o aumento de núcleos de estudos, programas, grupos de trabalhos, simpósios temáticos, mesas de discussões com intuito na abordagem do tema, além de periódicos acadêmicos que



priorizam o assunto. Gradativamente, os estudos sobre gênero vão se expandindo e ganhando notoriedade no cenário acadêmico-científico.

No Brasil, os estudos que abordam as relações de gênero acompanham os diferentes momentos dos movimentos sociais feministas. Desde a década de 70, a emergência desses movimentos sociais consolida novas forças políticas em vários lugares do planeta. Movimentos sociais anticoloniais, étnicos, raciais, de homossexuais, ecológicos e de mulheres, para citar os mais expressivos, despontam e modificam lugares e mentalidades.

### 2.3 Mulher e Gênero na Ciência da Informação

A Ciência da Informação, por ser uma ciência interdisciplinar por natureza e em sua condição de Ciência Social Aplicada, estuda os problemas referentes à informação em suas diversas formas, preocupando-se com a transmissão desta, enquanto um fenômeno social. A junção da CI com os Estudos de Gênero colabora no processo de acesso, produção, organização e disseminação de assuntos informacionais que viabilizem a subversão das desigualdades vivenciadas pelas mulheres em distintas esferas sociais. No que lhe concerne, os estudos de gênero sob a perspectiva feminina na CI ainda são considerados recentes (Santos; Targino; Freire, 2017; Alves *et al.*, 2018; Passos, 2019).

Em pesquisa sobre os estudos de gênero na CI, a autora Santo (2008) percebeu, em seu levantamento de artigos indexados no portal da Capes e dos trabalhos apresentados nos Enancibs entre os anos 2000 e 2007, que são poucos os pesquisadores que se interessam pela temática.

Oliveira e Lima (2012) também fizeram um levantamento de produções sobre mulheres e as relações de gênero nos artigos de periódicos da CI. O estudo conclui que, apesar de existirem muitos trabalhos sobre gênero originários de diversos lugares do mundo, poucas são feitos com relação a gênero e informação. Brufem e Nascimento (2012), na pesquisa intitulada “A questão de gênero na literatura em Ciência da Informação”, analisaram a base de dados da BRAPCI e constataram que provavelmente houve um crescimento na produção científica sobre gênero na área após 1989, ou seja, mostra que é recente o interesse pelo tema, ainda estando em crescimento o assunto na CI.

Em estudo mais recente, Silva, Zapata e Oliveira (2019) investigaram as produções científicas sobre gênero na CI nos Enancibs entre 2014 a 2018, com foco na exclusão das mulheres na ciência e na tecnologia. O resultado mostrou

que pouco se discute sobre a exclusão feminina nesse meio. Nesse mesmo ano, Nascimento e Oliveira (2019), similarmente, analisaram as produções científicas na CI com relação à mulher e gênero, com foco, porém, em como o tema era abordado na área. Foram examinados os repositórios de teses e dissertações dos programas de pós-graduação em CI, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e nos anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação de 2007 a 2018. Concluiu-se que o número de pesquisas relacionadas ao tema foi pouco expressivo.

Conforme Araújo (2003), a Ciência da Informação precisa encarar o ramo social como parte do seu campo teórico, sendo orientada para a informação com uma aplicação na qual o sujeito é visto como o principal ator. Portanto, a informação não possui um fim em si, mas existe como objeto para realização de uma ação ou transformação no conhecimento, por meio de influências no contexto histórico, social e econômico, tornando essencial para o desenvolvimento e avanço das produções científicas relacionadas a gênero.

Bufrem e Nascimento (2012), com base em um estudo descritivo de análise bibliométrica, investigaram como a literatura da área da Ciência da Informação, sobretudo no Brasil, vem trabalhando com a temática de gênero. Para isso, utilizaram como levantamento a BRAPCI, usando os seguintes critérios: a assiduidade com que o tema é tratado nos artigos publicados, os(as) autores (as) mais produtivos e suas condições profissionais e acadêmicas. Em relação aos anos de 1972 a 2011, foram contabilizados 74 artigos sobre gênero, escritos por 102 autores(as) diferentes. Contudo, somente oito (16,22%) publicaram mais de um trabalho, havendo, portanto, um percentual elevado de transitoriedade (83,78%). Esse resultado indica que é preciso refletir sobre a timidez e a incipiência do tema na Ciência da Informação. Não há uma frequência ou preocupação em aprofundá-lo, sendo constatado como baixo o índice de pesquisadores(as) que publicaram mais de uma vez.

Dias e Lima (2013) constataram que, apesar dos avanços na década de noventa, ainda há poucos estudos que tenham esse enfoque nas relações de gênero. Em seu trabalho, também é enfatizada a importância da informação para compreender e subverter as desigualdades de gênero, além de concretizar e materializar práticas informacionais que possam atender, de forma efetiva, às necessidades das mulheres, que foram historicamente obliteradas e cerceadas de direito à cidadania. Isso mostra a importância da Ciência da Informação e seu impacto no campo social com Estudos de Gênero.

Nascimento e Oliveira (2019, p. 05) também constataram que os estudos acadêmicos relativos a gênero são feitos pelas mulheres: “as teses relacionadas com mulher e gênero demonstra que, no campo da Ciência da Informação, essa temática ainda tem pouco apelo para pesquisa. As autoras das teses são somente mulheres”. Constata-se a quantidade escassa de pesquisas relacionadas ao tema, sugerindo uma reflexão sobre o pouco interesse na Ciência da Informação sobre estudos nessa temática.

### 3 Procedimentos metodológicos

Quanto aos fins, a presente pesquisa caracteriza-se como descritiva por expor as características da produção científica sobre mulher e gênero em Ciência da Informação (CI), a partir da Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) no período entre 2017 e 2021. Quanto aos meios, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, pois utilizou de um corpus constituído de fontes bibliográficas específicas: as publicações da base de dados.

Realizou-se a coleta de dados na Base de Dados Referenciais de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), buscando-se pelos termos mulher AND gênero escolhendo a opção “todos” disponibilizada pela plataforma e delimitando a busca para os anos entre 2017 e 2021.

O período histórico escolhido justifica-se pelo interesse de analisar a evolução da temática da área nos últimos 05 anos; o ano de 2022 não foi incluído na análise por ainda estar em curso no momento de realização da pesquisa.

Por sua vez, a escolha do operador booleano “and” justifica-se pelo intuito de caracterizar os estudos sobre mulher nos estudos de gênero desenvolvidos na área de Ciência da Informação no Brasil.

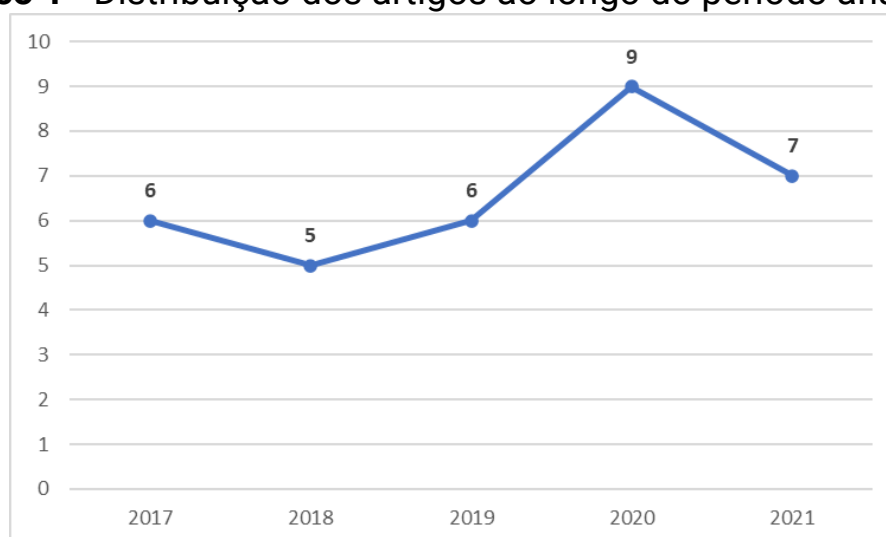
Foram obtidos inicialmente 39 resultados, cujos metadados foram catalogados nas categorias: periódico, ano, título, autores, resumo, palavras-chave e link de acesso. Os dados foram reunidos em uma única planilha, tendo sido desconsiderados os resultados duplicados. Após essa seleção, a quantidade a ser analisada foi de 33 pesquisas que serão analisadas na próxima seção.

## 4 Resultados e discussão

Os resultados apresentados foram obtidos pela identificação dos trabalhos com títulos, subtítulos, palavras-chave, resumo ou texto completo que tivessem os termos mulher e gênero na BRAPCI no período entre 2017 e 2021.

Foram identificados 33 artigos que atendiam aos requisitos de busca, numa média aproximada de 07 artigos/ano; todos os artigos foram catalogados e analisados.

**Gráfico 1** - Distribuição dos artigos ao longo do período analisado



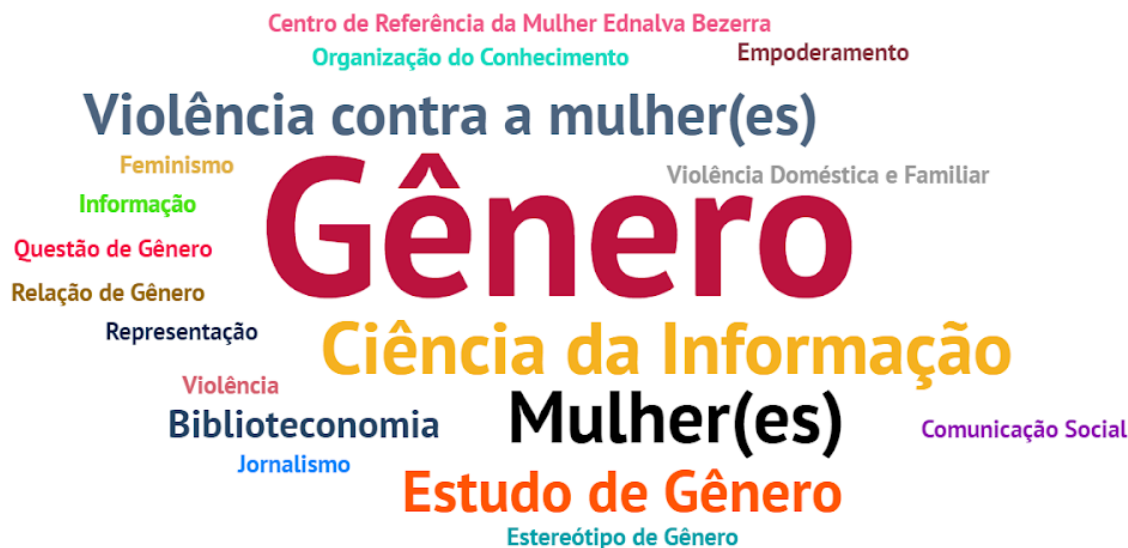
**Fonte:** Dados da pesquisa (2022).

Observa-se, no Gráfico 1, um crescimento de 50% no número de artigos publicados no tema entre 2019 e 2020, sendo o ano de 2020 o de maior número de publicações. Apesar da queda no número de artigos publicados em 2021 (comparado ao de 2020), o resultado obtido permanece na média, sendo os anos de 2020 e 2021 os de maior número de publicações dentro da série histórica analisada. O ano de 2018, por sua vez, é o de menor índice de publicações (05).

Ao analisar a fonte das publicações, foi possível identificar que os periódicos com maior número de artigos publicados sobre o tema foram: Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde (04 artigos), Folha de Rosto (03 artigos), Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação (02 artigos), Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (02 artigos), PontodeAcesso (02 artigos), Informação & Informação (02 artigos) e Comunicação & Informação (02 artigos).

Nos sites das revistas mencionadas, em sua seção “Sobre a Revista”, as únicas seções que fizeram menção ao termo “gênero” foram: a da Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, em suas palavras-chave mais citadas, demonstrando ser esse um tema frequente no referido periódico; e o da Revista Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, por seguir em sua linha editorial os Grupos de Trabalho da ANCIB (Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação), que criou, em 2021, o GT 12 - Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades. Salientamos que a criação do referido GT teve trabalhos publicados desde 2022, não sendo, pois, a razão de a revista já estar entre os principais periódicos com publicações no tema no período analisado.

**Figura 1** - Nuvem de palavra com as principais palavras-chave



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2022).

Foram encontradas 130 palavras-chave distintas nos 33 artigos selecionados, dentre as quais, repetiram-se com maior frequência: Gênero (12 repetições), Mulher(es) (05 repetições), Ciência da Informação (05 repetições), Violência contra mulher(es) (04 repetições), Estudo de Gênero (03 repetições), Biblioteconomia (03 repetições), Organização do Conhecimento (02 repetições), Jornalismo (02 repetições), Informação (02 repetições), Feminismo (02 repetições), Estereótipo de Gênero (02 repetições), Empoderamento (02 repetições), Comunicação Social (02 repetições), Questão de Gênero (02 repetições), Relação de Gênero (02 repetições), Representação (02 repetições), Violência (02 repetições), Violência contra a mulher (02 repetições), Violência



Doméstica e Familiar (02 repetições) e Centro de Referência da Mulher Ednalva Bezerra (02 repetições).

As palavras-chave foram agrupadas em 03 categorias descritas no Quadro 1.

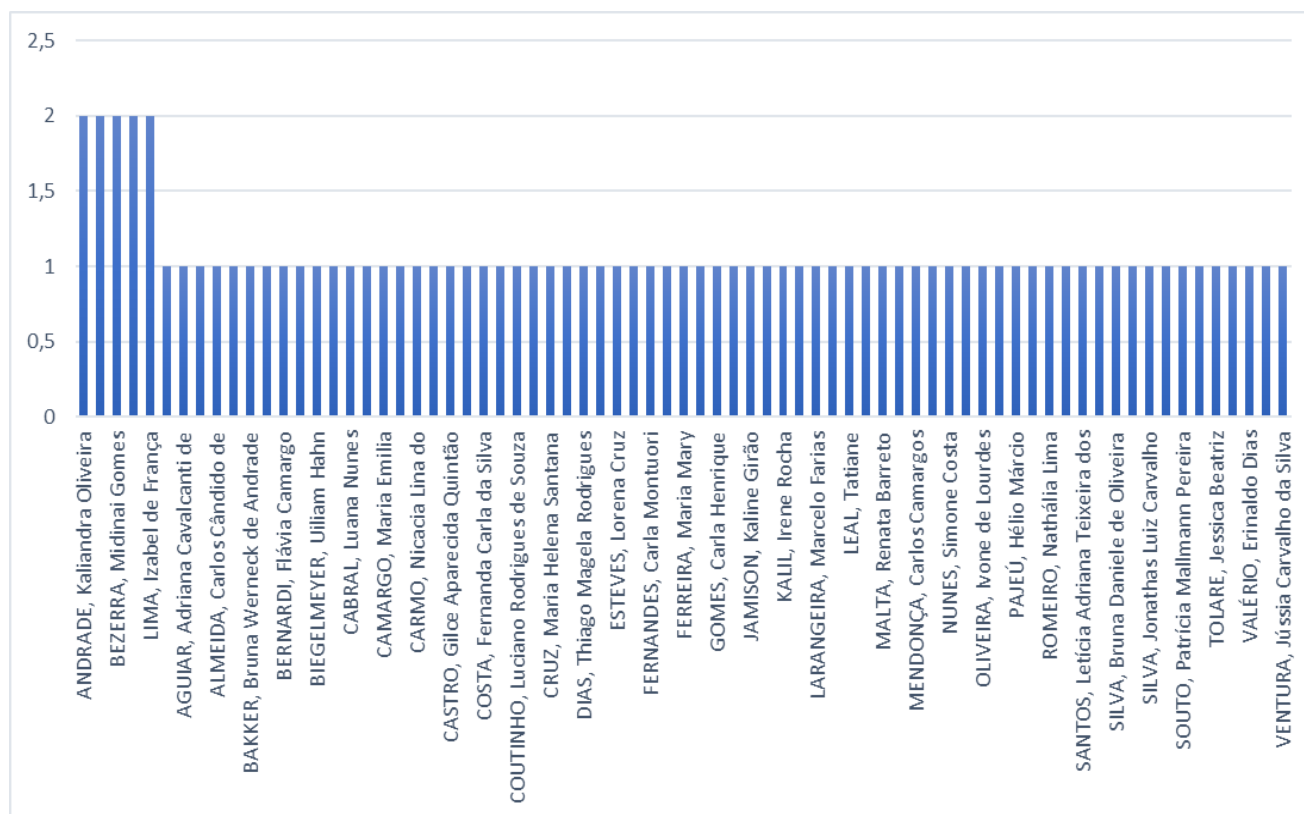
**Quadro 1 – Categorização das palavras-chave**

Categoria	Palavras-chave
<b>Categoria 01:</b> Palavras-chave relacionadas aos estudos de gênero, mulheres, ao movimento feminista e LGBTQIA+	Gênero, Mulher(es), Estudo de Gênero, Feminismo, Estereótipo de Gênero, Empoderamento, Centro de Referência da Mulher Ednalva Bezerra, Aleitamento Materno, Atenuação, Ativismo, Ativismo Digital, Colonialidade, Contracepção, Corpo, Desigualdades, Desmame, Dimensão Subjetiva, Direitos das mulheres, Epistemologia Feminista, Estereótipo, Gênero Feminino, Identidade, Inclusão Social, LGBT, Machismo, Minoria Sexual e de Gênero, Movimento Feminista, Mujeres, Mulher Bibliotecária, Mulher Negra, Mulher Negra Intelectual, Mulheres na Ciência, Mulheres na Literatura, Participação, Pílula Anticoncepcional, Questão de Gênero, Raça, Racismo Institucional, Reconhecimento, Relação de Gênero, Relação de Poder, Representação, Representaciones, Resposta Social, Sexismo, Transexualidade, Violência, Violência contra mulher(es), Violência Doméstica e Familiar, Violência sexual, Vulnerabilidade.
<b>Categoria 02:</b> Palavras-chave relacionadas a áreas do conhecimento, seus instrumentos e técnicas	Ciência da Informação, Biblioteconomia, Organização do Conhecimento, Jornalismo, Informação, Comunicação Social, Arquitetura da Informação, Bibliometria, Biblioteca Escolar, Bibliotecário, Biblioteconomia Negra, Biblioteconomia no Brasil, Ciência Social Aplicada, Comunicação em Saúde, Comunicação Organizacional, Cultura Visual, Design da Informação, Discurso informacional, Disseminação Da Informação Étnico-Racial, Divulgação Científica, Ética, Gestão, Gestão de Pessoas, Informação, Informação e Tecnologia, Mediação Cultural, Necessidades de informação, OPAC, Organização do Conhecimento, Periódico Científico, Política Educacional, Políticas públicas, Práticas informacionais, Produção Científica e Tecnológica, Produção de Informação, Psicanálise, Publicidade, Análise do Discurso, Bibliometria, Discurso, Epistemografia, Estudo Crítico, Genealogia, Instrumento Terminológico, Regra de Catalogação, Representação Temática, Saúde Pública, Semiótica, Tecnologia, Tesouro, TI, Comentários, Coronavírus, Covid-19, Educação Antirracista, Facebook (Rede social on-line), Literatura Ficcional, Medicalização, Mídia, Modulação, Sítio Web, Subnotificação, Visibilidade Midiática, YouTube, Isolamento Social.
<b>Categoria 03:</b> outras palavras-chave	Brasil-Portugal, EREBD, Feira Pan-Amazônica do Livro do Pará, GELEDES, Geledés (Organização), Polêmica.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2022).

A categorização apresentada foi realizada por meio da análise de conteúdo das referidas palavras e seus significados.

Por fim, analisam-se as(os) autoras(es) com maior número de artigos publicados durante a série histórica apresentada, expostos no Gráfico 2.

**Gráfico 2 - Autores com artigos publicados sobre o tema no período**

**Fonte:** Dados da pesquisa (2022).

Os autores com mais de um artigo publicado sobre mulher e gênero no período foram todas mulheres, com duas publicações: ANDRADE, Kaliandra Oliveira; ARAÚJO, Ana Rafaela Sales de; BEZERRA, Midinai Gomes; CÔRTEZ, Gisele Rocha; LIMA, Izabel de França.

Foram encontrados 73 autores dos 33 artigos, sendo a maioria deles mulheres. Além das referidas autoras, foram encontradas as seguintes autoras mulheres: AGUIAR, Adriana Cavalcanti de; BAKKER, Bruna Werneck de Andrade; BARBOSA, Anna Christina Freire; BERNARDI, Flávia Camargo; BRITO, Rosaly de Seixas; CABRAL, Luana Nunes; CAMARGO, Francielle Piffero; CAMARGO, Maria Emilia; CAMPOS, Mariana de Lima; CARMO, Nicacia Lina do; CASTRO, Gilce Aparecida Quintão; CHATELARD, Daniela Scheinkman; COSTA, Fernanda Carla da Silva; COSTA, Verônica Soares da; CRACO, Tânia; CRUZ, Maria Helena Santana; ESCALANTE, Isadora; ESTEVES, Lorena Cruz; FERNANDES, Carla Montuori; FERREIRA, Cláudia Aparecida Avelar; FERREIRA, Maria Mary; GARCIA, Janete

Monteiro; GOMES, Carla Henrique; GONTIJO, Miriam; JAMISON, Kaline Girão; JORENTE, Maria José Vicentini; KALIL, Irene Rocha; LANDIM, Laís Alpi; LEAL, Tatiane; LIMA, Andrea Peres; MALTA, Renata Barreto; MANUEL, Rosa San Segundo; NEVES, Tatiely Mayara de Oliveira; NUNES, Simone Costa; OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; OLIVEIRA, Rebecca Maria de Freitas Sousa; REIS, Ana Alinny Cruz; ROMEIRO, Nathália Lima; SANTIAGO, Monique de Oliveira; SANTOS, Letícia Adriana Teixeira dos; SILVA, Bruna Daniele de Oliveira; SILVA, Dávila Maria Feitosa da; SOUSA, Brisa Pozzi de; SOUTO, Patrícia Mallmann Pereira; TANNHAUSER, Cláudia Lehnemann; TOLARE, Jessica Beatriz; VASCONCELOS, Veronica Accioly de; VENTURA, Jússia Carvalho da Silva.

Os autores homens são listados a seguir: AFFONSO, Felipe; ALMEIDA, Arthur Henrique Feijó de; ALMEIDA, Carlos Cândido de; ALMEIDA, Gustavo Henrique Moreira Dias; BEZERRA, Arthur Coelho; BIEGELMEYER, Uiliam Hahn; CARVALHO, Carlos Alberto; COUTINHO, Luciano Rodrigues de Souza; DEMURU, Paolo; DIAS, Thiago Magela Rodrigues; FARNESE, Pedro; LARANGEIRA, Marcelo Farias; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos; OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de; PAJEÚ, Hélio Márcio; SANTOS, Ruhan Victor Oliveira dos; SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; TOLENTINO, Vinicius de Souza; VALÉRIO, Erinaldo Dias.

Apesar da predominância da autoria feminina, os resultados encontrados diferem dos resultados encontrados por Nascimento e Oliveira (2019) em sua pesquisa, uma vez que já é possível notar, em artigos, presença de homens pesquisando sobre os temas de gênero e mulheres em Ciência da Informação.

Tendo sido expostos os principais achados, apresentar-se-ão as considerações finais na próxima seção deste artigo.

## 5 Considerações finais

Por meio deste estudo, foi possível identificar e caracterizar a produção científica sobre os estudos de mulher e gênero disponíveis na base de dados da BRAPCI no período estipulado nesta pesquisa. O resultado observado demonstra que mesmo uma Ciência que trabalha com os problemas vinculados à informação se mostra carente quando o assunto é mulher nos estudos de gênero.

Os dados apontam maior abertura para temática nos últimos anos, confirmando que os estudos de mulher e gênero estão em ascensão na CI. Com relação ao gênero dos autores(as), não foi surpresa que a maioria dos artigos é composta por mulheres, não só devido à prioridade de origem das discussões (movimento

feminista), mas também pela Ciência da Informação ser uma área historicamente feminina.

O estudo realizado levanta questões que merecem aprofundamentos considerando outras fontes de dados e maior cobertura. Para futuras pesquisas com relação ao tema, cabe verificar quais temáticas vêm sendo pesquisadas com uma maior abrangência de tempo, assim como, pesquisas individualizadas para os termos mulher e gênero, a fim de que se possa compreender o panorama completo dos estudos sobre mulheres e sobre gênero na Ciência da Informação. Assim será possível um resultado mais preciso e apontar quais temáticas ainda estão sendo negligenciadas nos estudos de mulher e gênero na CI. Outras pesquisas com essas e com outras abordagens, métodos e afins devem ser incentivadas na área, visto que o acesso à informação é condição primeira para o empoderamento feminino, ou seja, a ciência da informação tem responsabilidade social e deve buscar meios para promoção da igualdade de gênero.

## Referências

ANDRADE, L. F. S.; MACEDO, A. S dos.; OLIVEIRA, M. D. L. S. A produção científica em gênero no Brasil: um panorama dos grupos de pesquisa de administração. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 6, p. 48-75, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ram/a/w8tyHyCGxYfgsZKHZxWsNdd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2021.

ALVES, D. *et al.* Estudo de caso da disciplina gênero em Ciência da Informação na Universidade Federal da Paraíba. **Ciênc. Inform.**, São Cristovão/SE, v. 1, n. 2, p. 218-225, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/140265>. Acesso em: 10 set. 2021.

ARAÚJO, C. A. A. A Ciência da Informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/DZcZXSqTbWHpF6fhRm8b9fP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2021.

BRAGA, K. S. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. *In*: MUELLER, S. P. M. (Org.). **Métodos para pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 190.

BRUSCHINI, Cristina. O trabalho da mulher no Brasil: tendências recentes. **Revista Estudos Feministas**, v. 2, n. especial, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16102>. Acesso em: 30 out. 2022.

BUFREM, L. S.; NASCIMENTO, B. S. do. A questão do gênero na literatura em Ciência da Informação. **Em questão**, v. 18, p. 199-214, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/33285>. Acesso em: 28 jun. 2021.

BUTLER, J. Fundamentos contingentes: feminismo e a questão do pós-modernismo. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 11-42, 1998.

CALLON, M.; COURTIAL, J. P.; PENAN, H. **La scientométrie**. Paris: PUF, 1993.

CONCEIÇÃO, M. da.; TEXEIRA, M. R. F. do. A produção científica sobre as mulheres na Ciência Brasileira. **Revista Contexto e Educação**, Rio Grande do Sul, v. 35, n. 112, p. 280-299, 2020. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/8231>. Acesso em: 31 mar. 2022.

CÔRTEZ, Gisele Rocha; ALVES, Edvaldo Carvalho; SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. Mediação da informação e violência contra mulheres: disseminando dados quantitativos no Centro Estadual de Referência da Mulher Fátima Lopes. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 16., 2015, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/enancib2015/>. Acesso em: 29 outubro 2021.

COSTA, A. A. A.; RODRIGUES, A. T.; VANIN, I. M. Ensino e gênero: perspectivas transversais. *In: SARDENBERG, C. M. G.; MACEDO, M. S. Relações de gênero: uma breve introdução ao tema*. Salvador: UFBA – NEIM, 2011.

COSTA, A. O. de. Os estudos da mulher no Brasil ou a estratégia da corda bamba. **Estudos Feministas**, p. 401-409, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16172/14723>. Acesso em: 30 ago. 2021.

COSTA, S. M. S. de.; LEITE, F. C. L. Repositórios institucionais: potencial para maximizar o acesso e o impacto da pesquisa em universidades. *In: CONFERÊNCIA IBEROAMERICANA DE PUBLICAÇÕES ELETRÔNICAS NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA*, 1.; 2006, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006. p. 1-10.

CRENSHAW, K. "Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics". **The University of Chicago Legal Forum**, n. 140, p. 139-167, 1989.

DINIZ, D.; FOLTRAN, P. Gênero e Feminismo no Brasil: uma análise da Revista Estudos Feministas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, p. 245-264, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/khnwMPmZy3xqbjwF33txWCt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 jul. 2021.



ENANCIB, Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação. **GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades**. 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/enancib2022/programacao/gt-12/>. Acesso em: 31 out. 2022.

ESPÍRITO SANTO, P. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204536>. Acesso em: 16 jul. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HAYASHI, M. C. P. I. et al. Gênero nos estudos bibliométricos apresentados nos ENANCIBs. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 54-68, 2018. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1396>. Acesso em: 15 jun. 2021.

HECK, A. P.; NUNES, M. S. de. Publicidade e gênero: análise do fenômeno femvertising na criação de campanhas. *In: XVII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL*, 17.; 2016, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, 2016.

LEITE, F. T. **Metodologia científica: métodos e técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Ideias e letras, 2008.

LETA, J. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 271-284, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/F8MbrypqGsJxTzs6msYFp9m/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 02 set. 2021.

LIMA, Francisca Rosimere Alves; DIAS, Karla Cristina Oliveira. Levantamento das produções sobre mulheres e relações de gênero nos artigos de periódicos em Ciência da Informação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, 2013.

MATOS, G. I. de.; OLIVEIRA, E. F. T. de. Feminismos e estudos de gênero: uma abordagem bibliométrica. *In: XVIII ENANCIB - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 18.; 2017, Marília. **Anais [...]**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/104522>. Acesso em: 02 set. 2021.

MATOS, M. I. S. de. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Mandrágora**, v. 19, n. 19, p. 5-15, 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/viewFile/4503/3796>. 2 set. 2021.

NASCIMENTO, I. G. N. dos.; OLIVEIRA, E. B. O. de. Mulher e gênero na produção científica da Ciência da Informação. *In: XX ENANCIB – ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 20.; 2019, Florianópolis. **Anais [...]**.

Florianópolis, 20019. p. 1-19. Disponível em:

<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/123339>. Acesso em: 21 jul. 2021.

PINTO, Celi. Movimentos Sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: **Uma Questão de Gênero**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992.

RAGO, M. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial, 2019.

ROSA, A. N. do. **A produção científica sobre gênero nos programas de pós-graduação da UFPE: uma revisão a partir do repositório institucional de teses e dissertações**. 2018. Dissertação (Pós-Graduação em Educação Contemporânea) - Universidade de Federal de Pernambuco, Caruaru, 2018.

SANTOS, R. N. R. dos.; TARGINO, M. G. das.; FREIRE, I. M. A temática diversidade sexual na Ciência da Informação: a perspectiva da responsabilidade social. **REBECIN: Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, p. 114-135, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/30216>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SAFFIOTI, H. **Emprego doméstico e capitalismo**. Rio de Janeiro: Avenir editora limitada, 1979.

SAFFIOTI, H. **Emprego doméstico e capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1981.

SCAVONE, L. **Tecnologias reprodutivas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SICILIANO, M.; SOUZA, C. M. S.; METH, C. M. E. S. Sobre o que falamos quando falamos em gênero na Ciência da Informação?. **Informação e Informação**, v. 22, n. 2, p. 144-165, 2017. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/33868>. Acesso em: 16 jul. 2021.

SILVA, S. V. da. Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 3, n. 262, p. 1-13, 2000. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/1212/Os%20estudos%20de%20g%C3%aanero%20no%20BRasil%20algumas%20considera%C3%A7%C3%B5es.pdf?sequence=1>. Acesso em? 31 ago. 2021.

SOARES, P. B. et al. Análise bibliométrica da produção científica brasileira sobre Tecnologia de Construção e Edificações na base de dados Web of Science. **Ambient. Constr.**, v. 16, n. 1, p. 175-185, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ac/a/7CmZ3n8FT8R5g93DkW5kzMJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 dez. 2023.

**SOARES, V. Muitas faces do feminismo no Brasil.** Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 33-54, 1998.

TELES, M. A. A.; MELO, M. **O que é violência contra a mulher.** São Paulo: Brasiliense, 2002.

VASCONCELLOS, B. M. de.; LIMA, M. M. T. Fanny Tabak e os primeiros passos dos estudos sobre ciência, tecnologia e gênero no Brasil. **Redes**, v. 22, n. 43, p. 13-32, 2016. Disponível em: <http://www.unq.edu.ar/advf/documentos/58e4ec1c6b673.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

WEITZEL, S. R. da. O papel dos repositórios institucionais e temáticos na estrutura da produção científica. **Em questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 51-71, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645954004.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021.

ZIRBEL, I. **Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil: Um Debate.** 2007. Dissertação. (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2007.

## Sobre a autoria

### *Caroline da Silva Marinho*

Mestranda pelo programa de pós-graduação em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), na linha de pesquisa Ética, gestão e políticas de informação. Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba (2018), com o trabalho de conclusão de curso (TCC) voltado para os eixos temáticos de: ergonomia, gestão e ergonomia em bibliotecas. Tem interesse de pesquisa em produção científica, representação da informação, gestão, ergonomia e estudos de gênero. Durante a graduação atuou como estagiária da Editora Universiárias UFPB e da Escola Corálio Soares de Oliveira (SESI) e participou como bolsista de Iniciação Científica.

[caroline.marinho@academico.ufpb.br](mailto:caroline.marinho@academico.ufpb.br)

### *Geisa Fabiane Ferreira Cavalcante*

Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco, Mestra em Gestão de Organizações Aprendentes pela Universidade Federal da Paraíba (2018), Especialista em Ciência de Dados e Big Data Analytics pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (2021) e Bacharela em Administração pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (2015). Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Administração Pública, Gestão Estratégica, Gestão de Pessoas, Gestão Comercial e Gestão de Materiais; e em procedimentos de Secretaria,

com destaque aos procedimentos relacionados às secretarias de pós-graduação. Tem interesse de pesquisa em memória, metadados enquanto fonte de memória institucional, comunicação científica, teoria fundamentada e estudos de gênero.

[geisa.cavalcante@ufpe.br](mailto:geisa.cavalcante@ufpe.br)

### **Anna Raquel de Lemos Viana**

Doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCI/UFPE). Mestra em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB), Especialista em Ciência de Dados e Big Data Analytics pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP). Graduada em Relações Públicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bolsista CAPES. Atualmente tem interesse de pesquisa nos seguintes temas: Empoderamento feminino, Igualdade de gênero, Memória e identidade, Redes sociais, Competência Crítica em informação, Desinformação e Humanidades Digitais.

[annaraquellemoss@gmail.com](mailto:annaraquellemoss@gmail.com)

### **Izabel França de Lima**

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais(2012), mestre em Educação (2007) especialista em Gestão de Unidades de Informação (2006), graduada em Biblioteconomia (1989) e em Administração (1999) pela Universidade Federal da Paraíba. Área de pesquisa Ciência da Informação, com ênfase em Informação e tecnologia, atuando nos seguintes temas: Memória Institucional, Memória e Identidade, Repositórios institucionais, acesso e uso de informação, acessibilidade, usabilidade, inclusão digital/social/racial, informação etnicorracial, Justiça Social, Informacional, Racial e de Gênero, Religiões de matriz africana; sincretismo religioso e Intolerância Religiosa.

[belbib@gmail.com](mailto:belbib@gmail.com)

## **Notas**

### **Agradecimentos**

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. À Universidade Federal da Paraíba.  
À Universidade Federal de Pernambuco.

### **Aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa**

Não.

### **Conflitos de interesses**

Não.

Artigo submetido em: 1 nov. 2022.

Aceito em: 22 jun. 2023.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgal 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

**UFCA** UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas  
Mestrado Profissional em Biblioteconomia  
Revista Folha de Rosto



[folhaderosto@ufca.edu.br](mailto:folhaderosto@ufca.edu.br)



[@revistafolhaderosto](https://www.instagram.com/revistafolhaderosto)



[@revfolhaderosto](https://twitter.com/revfolhaderosto)

Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia](#) da Universidade Federal do Cariri em formato digital e periodicidade quadrimestral.